Prefácio

A filosofia dialoga com o seu tempo e aspira a transcendê-lo. Encontra nele uma fonte permanente de reflexão. Foi assim no passado e continua a ser assim nos nossos dias. O compromisso com a compreensão do presente, aliado à independência de uma reflexão que aspira a ser livre e desinteressada, continua a ser o principal contributo que se pode esperar dela.

Quando o estudo agora publicado teve início estávamos longe de imaginar que o que nele se discutia ia ganhar o protagonismo que depois adquiriu. Um dos inúmeros efeitos dos dois últimos anos foi ter mostrado que o espaço público se configura em torno de evidências morais partilhadas e acolhidas. Nos anos anteriores, essa evidência operava de forma mais latente, menos focada, e podia – sem grande perplexidade – ser pontualmente posta em causa ou relativizada. A experiência global e partilhada da pandemia obrigou-nos a focar a natureza – simultaneamente pública e ética – das decisões em saúde e fez sobressair a importância do consenso.

Esta exigência – agora tão visível – vinha-se fazendo sentir há décadas. Prova disso é que cresceu exponencialmente a literatura que se debruça sobre as implicações antropológicas e éticas dos grandes âmbitos da cultura mais diretamente vinculados ao mundo da tecnologia, das biotecnologias à inteligência

artificial. Uma das áreas em que a necessidade de reflexão se fez sentir primeiro e de forma mais nítida foi a das ciências da vida; dessa necessidade se fez eco a bioética e o ritmo a que a reflexão se foi desenvolvendo e ampliando no seu seio ilustra bem o que se acaba de afirmar.

O estudo de Marta Dias Barcelos – *Bioética e consenso* – foca um momento decisivo da história recente da bioética. Fá-lo acompanhando o processo de constituição de uma das correntes bioéticas mais vigorosas e mais influentes do mundo: o principialismo. O texto acompanha as intuições, os desenvolvimentos, as certezas, as indecisões e as dificuldades com que se deparou o modelo principialista. Acompanhar este processo é acompanhar de algum modo o processo de progressiva identificação, apropriação e operacionalização da experiência ética no âmbito da saúde.

O caráter académico da perspetiva adotada não faz de *Bioética e consenso* um texto apenas para especialistas. Os princípios enunciados por Beauchamp e Childress transcenderam amplamente o contexto mais circunscrito em que foram formulados: encontram-se refletidos em documentos internacionais ou em tomadas de posição corporativas, são invocados com frequência por comissões de bioética informais ou institucionais e quando é necessário proceder à avaliação de projetos de investigação com impacto na vida humana. Mais amplamente ainda, estes princípios – as obrigações de respeito pela pessoa, de beneficência, de não-maleficência e de justiça – são invocados em áreas cada vez mais afastadas da da saúde, o que significa que, de algum modo, ajudaram a verbalizar e a operacionalizar o imperativo ético fundamental de que há que fazer o bem e evitar o mal, sobretudo quando se considera a ação em contextos sociais, ou quando se avalia o agir humano que incide sobre outros seres humanos.

Nos seus elementos fundamentais – conceptuais e metodológicos – o principialismo ajudou a definir a nossa perceção da dimensão ética da existência em áreas cada vez mais amplas e contribuiu para definir a forma de a avaliar. Em todo o caso, a sua abrangência e a familiaridade com que se invocam os seus princípios não vão acompanhadas de um conhecimento igualmente profundo do que está em causa, nem do ponto de vista metodológico nem do ponto de vista do entendimento que se tem dos princípios em que se apoia. Prova disso é que juízos éticos contrapostos se justificam por referência ao mesmo elenco de princípios, eventualmente hierarquizando-os de modo diverso.

Aprofundar o sentido destes princípios, identificar os ajustes e redefinições a que estiveram sujeitos, compreender a complexidade das relações que se esta-

Prefácio 11

belecem entre eles é um dos contributos mais interessantes do presente estudo. Esse aprofundamento, que passa por compreender com maior profundidade o sentido, o alcance e as razões do modelo principialista, bem assim como as dificuldades metodológicas que enfrentou e a forma como as contornou, é uma condição prévia de uma atuação lúcida na área das políticas públicas de saúde. A confusão, a imprecisão, os juízos globais insuficientemente fundamentados favorecem mais a manipulação do que a lucidez das decisões responsáveis.

Bioética e consenso contribui decisivamente para este objetivo de lucidez que é prévio a qualquer decisão ética, pública ou privada. Trata-se de um estudo sério e longamente documentado, elaborado em condições excecionais: em diálogo com os protagonistas e no meio académico em que o principialismo surgiu, se afirmou e a partir do qual se difundiu pelo mundo.

Dito isto, o interesse do texto não é apenas histórico. As questões práticas em cuja resolução o principialismo testou as suas intuições mais básicas são também objeto de análise no texto, fazendo ressaltar o modo como se procurou vencer a distância existente entre os princípios éticos universais e as situações concretas que se supõe que eles devem ajudar a resolver de forma ética.

Evidentemente, compreender mais profundamente o principialismo não é necessariamente adotá-lo. Outros modelos competem com ele como formas alternativas de pensar a dimensão ética da nossa existência comum, seja no âmbito da bioética seja fora dele. Mas compreender o principialismo é compreender um pouco melhor o mundo contemporâneo e o conjunto de «evidências» que foram configurando a perceção que temos dessa dimensão ética no âmbito cada vez mais abrangente da saúde.

Marta Mendonça

NOTA PRÉVIA

O presente estudo consiste na revisão da tese de doutoramento em Filosofia que apresentei à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em maio de 2020. O estudo desenvolveu-se a partir de três lugares distintos: ilha Terceira, reduto a que chamo casa; Lisboa, sede institucional deste projeto, e Washington, D.C., destino para onde a investigação me levou e me fez permanecer. Por isso, este estudo, para além do argumento, é também o horizonte onde muitos dos meus afetos se encontram. Ao longo desta jornada nunca estive sozinha e as várias formas de apoio que recebi, de pessoas e instituições, foram determinantes para a concretização do estudo e a respetiva publicação em livro.

À Professora Doutora Marta Mendonça, da Universidade Nova de Lisboa, pela disponibilidade com que me orientou durante o doutoramento, pelo estímulo e o cuidado com que leu e comentou o meu trabalho, e pela amizade que a partir daqui se construiu.

Ao CHAM – Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores –, na pessoa do seu então diretor, Professor Doutor João Paulo Oliveira e Costa, e ao coordenador do Grupo de Pensamento Moderno e Contemporâneo, Professor Doutor Luís

Andrade, pelo apoio institucional concedido no desenvolvimento deste trabalho. À Fundação para a Ciência e Tecnologia, pela bolsa individual de doutoramento que durante quatro anos me permitiu ter dedicação exclusiva à investigação.

Ao Instituto Histórico da Ilha Terceira, na pessoa do seu presidente, Dr. José Olívio Rocha, pelo interesse com que recebeu e impulsionou este projeto editorial. Ao Governo Regional dos Açores, através da Direção Regional da Ciência e Tecnologia, e à Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, em especial ao seu presidente Professor Doutor Álamo de Meneses, pelo imprescindível apoio financeiro para esta edição. Ao Dr. Henrique Mota, da Princípia Editora, pela força de vontade que tornou viável a publicação.

Ao Kennedy Institute of Ethics (KIE), Georgetown University, em Washington, D.C., em especial aos seus diretores, Professora Doutora Maggie Little e Professor Doutor Daniel Sulmasy, por me terem acolhido entre 2016 e 2020, para realizar a investigação de doutoramento, e mais recentemente, em 2022, para desenvolver um novo projeto dedicado à questão da autonomia pessoal em saúde pública.

Ao Professor Doutor Henry S. Richardson, o meu mentor em Georgetown, pelos nossos encontros ao longo destes anos, os quais muito me ajudaram a descobrir novas vias de reflexão expressas neste estudo. Ao Professor Doutor John Keown, pela motivação e o debate em torno das controvérsias da bioética.

À Doutora Laura Bishop, diretora do programa de *visiting researcher*, pela confiança e a amizade que tanto contribuíram para criar vínculos no KIE. À Martina Darragh e à Patty Martin, pela imprescindível ajuda no acesso às fontes e às dinâmicas da histórica Bioethics Research Library. Aos amigos que ali encontrei, Professora Doutora Diane O'Leary, Professora Doutora Claire Junga Kim, Doutora Nina Zeldes, Professora Doutora Marie Nicolini, Dra. Mariel Kalkach Aparicio e Professor Doutor Paulo Fraga da Silva, pelas discussões colegiais e pela cumplicidade que marcou pontos no mapa das ideias e na geografia dos lugares.

Ao Professor Doutor Tom L. Beauchamp, pela amabilidade em ter-me recebido para conversar sobre principialismo, o que se revelou fundamental para a minha compreensão do modelo de que é autor.

Ao Professor Doutor Robert Veatch (1939-2020), pela partilha das suas experiências e perspetivas sobre a bioética, e pelo imenso legado que nos deixou e de que somos todos herdeiros.

Aos amigos, de aquém e de além-mar, que entre Portugal e os Estados Unidos estão presentes no constante regressar. À Professora Doutora Gabriela NOTA PRÉVIA 15

Castro, pela afetividade com que me acolhe e compreende. À Professora Doutora Magda Costa Carvalho, pelo carinho e pelos ecos que fazem estreitar a imensidão do mar onde repousam as nossas ilhas. À Professora Doutora Jessica Roda, pela subtileza com que os assuntos mais densos são celebrados num brinde à vida.

Recordo, ainda, com profunda saudade, Monsenhor Dr. Francisco Caetano Tomás (1924-2018), mentor, mestre e amigo, a quem devo a inspiração mais profunda para estudar filosofia.

Por fim, a família, fonte primeira das minhas aspirações.

Aos meus pais, pela força das raízes que em mim inscrevem.

Aos meus sogros, pela amizade e pelo entusiasmo com que acompanharam este projeto.

Ao Gonçalo, pelo seu apoio incondicional e pela serenidade com que se aventura nas metas que traçamos juntos.

Ao Guilherme, pela sua autenticidade na descoberta de novos mundos e pela alegria contagiante que traz um sentido mais pleno às nossas vidas.

Altares e Washington, D.C., dezembro de 2022

Marta Dias Barcelos